

O FORTE DE COPACABANA E SUA INSERÇÃO NO SISTEMA DEFENSIVO DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO (A EVOLUÇÃO DO SISTEMA DEFENSIVO DA BAÍA DA GUANABARA – SÉCULO XVI AO XX)

João Rogério de Souza ARMADA

Capitão do Quadro Complementar de Oficiais da turma de 98
Graduado em História pela Universidade do Estado do Rio de
Janeiro (UERJ) e Especialista em História Militar pela UNIRIO.

Chefe da Divisão Técnica e historiador do
Museu Histórico do Exército e Forte de Copacabana.

RESUMO

Este artigo tem por finalidade demonstrar os motivos que levaram a construção do Forte de Copacabana, sob a ótica da evolução do sistema defensivo da cidade do Rio de Janeiro, e por conseguinte da baía da Guanabara, no decorrer dos séculos XVI, XVII, XVIII, XIX e XX.

Palavras-chave: Rio de Janeiro, Baía da Guanabara, Fortificação, Defesa, Artilharia de Costa.

1 INTRODUÇÃO

Para entendermos os motivos que levaram à construção do Forte de Copacabana, devemos inicialmente tentar compreender que esta fortificação constitui uma parte de um todo que denominamos de "sistema defensivo da cidade do Rio de Janeiro", mais precisamente da baía da Guanabara, que encerra em seu interior um porto, o qual, ao longo dos séculos, cresceu em importância, devido ao crescente comércio da cidade. Assim, pensamos ser necessário realizar uma análise da evolução deste sistema defensivo, identificar seus principais pontos estratégicos e fortalezas, até o século XX,

quando a evolução tecnológica fez surgir pontos fortificados dotados de canhões cada vez mais poderosos, a fim de evitar ataques de navios, cuja blindagem passou a proporcionar maior proteção contra a artilharia de costa e cujo armamento tornou-se mais potente, capaz de se opor às fortificações.

Quando mencionamos a expressão "sistema defensivo da cidade do Rio de Janeiro", devemos estar cientes da complexidade dos fatos que a envolve. Local propício para abrigar um porto e, por sua vez, uma importante cidade, a baía da Guanabara foi palco do estabelecimento de fortalezas desde o ano de 1555, quando da aventura da colonização francesa de Villegaignon. A partir daí, a região ganhou importância, sendo retomada pelos portugueses, que nela fundaram a cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. Ao longo do tempo, sua importância cresceria, levando-a ao *status* de capital da Colônia e atraindo a cobiça dos inimigos da Coroa Portuguesa.

Portanto, desde a sua fundação, a cidade do Rio de Janeiro necessitou de pontos defensivos, a fim de garantir a integridade de seu porto, importante local de comércio e de comunicação com outros continentes.



2 SÍNTESE HISTÓRICA

2.1 Século XVI

As fortificações erguidas na região resultaram diretamente do povoamento e da luta entre portugueses e franceses pelo domínio daquela. A preocupação maior era a de garantir o controle da entrada da baía, chave estratégica para a sua defesa. Embora nos venham logo ao pensamento fortalezas com muralhas altas e de grande espessura, as construções do período eram basicamente constituídas de taipa, uma espécie de muro de madeira revestida de barro, com paliçadas e canhões de pequeno alcance.

A defesa do porto era constituída pelas fortificações melhoradas ou levantadas por Salvador Correia de Sá, mas ainda de taipa e paliçadas, defendidas com canhões pedreiros, falconetes, bombardas e morteiros; e os homens que as guarneciam eram armados com arcabuzes, lanças, picas, alabardas, espontões e achas.¹

Verifica-se a seguir, as peças do sistema defensivo da Cidade do Rio de Janeiro, com sua respectiva localização, ao final do século XVI:

a) Fortaleza de São João e Forte de São Martinho: erguidos para defender a entrada da barra, tinham também a missão de impedir desembarques nas praias próximas. Ambas são originárias do fortim construído por Estácio de Sá no morro Cara de Cão, à esquerda de quem entra na barra. Suas obras de defesa foram posteriormente ampliadas, durante o governo de Salvador Correia de Sá (1568-1572), que mandou construir as baterias de São

Teodósio e São José.

- b) Bateria de Nossa Senhora da Guia: postada no promontório localizado à direita de quem transpõe a barra, constitui os primórdios do que seria a Fortaleza de Santa Cruz. Foi Villegaignon o primeiro a reconhecer a importância estratégica e a colocar alguns canhões neste local, em 1555. Em 1567, foi tomada por Mem de Sá que nela promoveu as primeiras melhorias. Em seguida, Salvador de Sá ampliou suas defesas, dando-lhe o nome de Bateria de Nossa Sra. da Guia.
- c) Fortaleza de São Sebastião: localizada no lado norte do antigo Morro do Castelo, foi construída por Mem de Sá, em 1567, cujo objetivo era o de impedir desembarques na praia, onde hoje se localiza a rua D. Manoel. Mais tarde, com a transferência da cidade para o morro, tornou-se parte do complexo de muros e fortins que compunham a defesa da cidade propriamente dita. Daí o nome Morro do Castelo.
- d) Fortim da Lage: a ilha de Lage, denominada por Villegaignon de Ratier (Ratoeira), que chegou a equipá-la com canhões, encontra-se no meio da barra da baía da Guanabara, tendo recebido um pequeno forte que cruzava fogos com a Fortaleza de São João e a Bateria de Nossa Sra. da Guia. Sua construção teve início em 1584, no governo de Salvador Correia de Sá.
- e) Bateria de Santiago: localizada na ponta de Santiago, ou ponta da Misericórdia, foi erguida por Mem de Sá, tendo por objetivo defender diretamente o porto e as praias próximas.

¹ In PONDÉ, Francisco de Paula e Azevedo. *A Defesa Militar do Porto e da Cidade do Rio de Janeiro em Quatro Séculos*. Rio de Janeiro: S Ge Ex – Imprensa do Exército, 1957. p.15.

2.2 Século XVII

Este século foi marcado pelas grandes mudanças na arte de fortificar, tendo as fortalezas sido construídas ou modernizadas segundo as inovações da época², com muralhas dotadas de baluartes, que cruzavam fogos, e cortinas.

Neste século, a arte de fortificar havia progredido muito com o traçado abaluartado, quando bastiões e salientes foram empregados para a defesa oblíqua, idéia aproveitada pelo italiano San Miguele, pelo francês Errard, seguida pelas modificações do alemão Speikle, dos holandeses Marollis e Freitag, e dos Franceses Fabre, Deville e Vauban.³

Eram as seguintes, as peças do sistema defensivo da Cidade do Rio de Janeiro ao final deste século:

- a) Fortaleza de São João: concluída em 1618, com quatro baterias, São Martinho, São José; São Diogo e São Teodósio.
- b) Fortaleza de Nossa Sra. da Guia, rebatizada como Fortaleza de Santa Cruz.
- c) Fortaleza de São Sebastião.
- d) Fortaleza de Lage: ainda em construção durante todo o período.
- e) Bateria de Santiago: localizada na base do Morro do Castelo, onde hoje se situa a esquina das ruas 1° de Março e do Ouvidor, teve a sua construção iniciada em 1603.
- f) Fortaleza de São Francisco Xavier de Villegaignon: erguida por ordem do Governador Sebastião de Castro Caldas, entre 1695 e 1697, com o objeti-

vo de defender o porto da cidade. Como o nome sugere, foi construída na antiga ilha de Serigipe, atual Villegaignon.

- g) Forte de Santa Cruz: iniciado em 1605, por Martim Correia de Sá, no local onde hoje se situa a Igreja da Santa Cruz dos Militares.
- h) Redutos do Carmo e da Candelária: construídos por ordem de Martim Correia de Sá, em 1624, com o objetivo de defender as praias que banhavam estes locais.

2.3 Século XVIII

Foi durante o século XVIII que os portugueses tiveram a certeza de que as defesas da cidade do Rio de Janeiro e de seu porto deveriam abranger uma área que não se restringisse à barra da baía da Guanabara e seu interior. As invasões francesas de 1710, de Du Clerc, e de 1711, de Duguay Trouin mostraram, em seu conjunto, como as fortalezas estavam mal equipadas e guarnecidas, além de evidenciar a necessidade de fortalezas fora da baía, que impedissem o desembarque de tropas e o flanqueamento da cidade, como ocorrera em 1710. Começa-se, portanto, a se pensar no estabelecimento de redutos e baterias nas regiões do Leme, Ipanema e Copacabana. Para isso, vários planos de defesa foram elaborados, com plantas e desenhos de fortalezas, sendo o plano do Marquês de Lavradio aquele que nos parece demonstrar uma verdadeira preocupação pela defesa da área que ficaria confiada, no futuro, ao Forte de

² Sobre as inovações da arte de fortificar do período, ver PARET, Peter. Construtores da Estratégia Moderna. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 2001. Tomo I, que dedica um capítulo inteiro a Vauban e a arte de fortificar.

³ In PONDÉ, Francisco de Paula e Azevedo. A Defesa Militar do Porto e da Cidade do Rio de Janeiro em Quatro Séculos. Rio de Janeiro: S Ge Ex – Imprensa do Exército, 1957. p.17.



Copacabana.

O Marquês de Lavradio, durante o tempo que governou o Brasil (1770-1779), construiu o Forte de São Bento, no Morro de São Bento, a Fortaleza do Castelo, no Morro do Castelo, a Fortaleza do Pico, cujas ruínas ainda subsistem, o Reduto do Leme, sobre o atual Túnel Novo e o Reduto de São Clemente.⁴

E ainda no relatório ao seu substituto, D. Luiz de Vasconcellos, datado de 17 de julho de 1799, escrevia o Marquês de Lavradio: *Construí outros redutos no sítio de São Clemente e Leme para defender os desembarques e passagens de Copacabana, e da Lagoa Rodrigo de Freitas.*⁵

Assim, eram as seguintes, as peças do sistema defensivo da Cidade do Rio de Janeiro ao final do século XVIII:

- a) Fortaleza de São João.
- b) Fortaleza de Santa Cruz.
- c) Fortaleza de São Sebastião: modernizada pelo Marquês de Lavradio, em 1770.
- d) Fortaleza de Laje: melhorada em 1715 e finalmente concluída em 1770, pelo Marquês do Lavradio.
- e) Forte de Santiago.
- f) Fortaleza de São Francisco Xavier de Villegaignon.
- g) Fortaleza da Conceição: construída em 1715, no morro da Conceição.
- h) Fortaleza da Praia Vermelha: construída em 1710 e restaurada entre 1763 e 1767, constava de um baluarte de pedra voltado para o mar.
- i) Forte Gragoatá, ou Gravata: construído em Niterói.
- j) Forte de Nossa Senhora da Boa Via gem: localizado na praia das Flechas, em Niterói, foi modernizado pelo Marquês de Lavradio.
- k) Forte de São Clemente: construído por ordem do Marquês de Lavradio na ladeira que liga São Clemente à Lagoa Rodrigo de Freitas.
- l) Forte de São José da Ilha das Cobras ou Forte Margarida: iniciado por Duguay Trouin, em 1711 e remodelado em 1763.
- m) Forte do Anel: construído fora da barra durante o governo do Marquês de Lavradio.
- n) Forte do Pico: inicialmente um reduto da Fortaleza de Santa Cruz, em Niterói, foi ampliado devido a sua importância estratégica, em 1775.
- o) Fortim de Sernambetiba e Bateria do Pontal ou do Frontal: construídos em 1775, próximo ao Pontal de Sernambetiba.
- p) Bateria do Alto da Boa Vista: localizada na Tijuca.
- q) Bateria de São Bento: construída, em 1711, pelos Beneditinos, no Mosteiro de São Bento.
- r) Bateria da Praia de Fora ou da Vargem: inicialmente independente, mais tarde foi anexada ao Forte do Pico.
- s) Reduto de São Januário.

2.4 Século XIX

O século XIX foi marcado por acontecimentos importantes que se refletiram na defesa da cidade do Rio de Janeiro. O pri-

⁴ In PONDÉ, Francisco de Paula e Azevedo. *A Defesa Militar do Porto e da Cidade do Rio de Janeiro em Quatro Séculos*. Rio de Janeiro: S Ge Ex – Imprensa do Exército, 1957. p.61.

⁵ Para maiores detalhes sobre o Plano de Defesa do Marquês de Lavradio ver PONDÉ, Francisco de Paula e Azevedo. *A Defesa Militar do Porto e da Cidade do Rio de Janeiro em Quatro Séculos*. Rio de Janeiro: SGeEx – Imprensa do Exército, 1957. p.64.

meiro foi a vinda da Família Real para o Brasil em 1808, sendo necessárias, portanto, melhorias em todos os setores bélicos da Colônia. O segundo foi a Questão Christie, quando os ingleses impuseram a sua força com uma pequena esquadra na baía. Tal fato já evidenciava a fragilidade e até mesmo a impotência de nossos canhões frente a uma esquadra inimiga moderna. O terceiro episódio importante foi a Guerra da Tríplice Aliança, que trouxe o temor das hordas paraguaias invadindo a cidade, fato muito pouco provável, mas que mostra o quanto nossos governantes tinham a noção do despreparo total das nossas Forças Armadas no período.

As guerras no Prata e do Paraguai pouco alteraram a placidez reinante nas fortificações do pôrto desta cidade. Um fato, porém, simples caso de polícia, transformado em assunto internacional pela audácia de um representante estrangeiro aliado à fraqueza do governo imperial, fez o que não conseguiram as lutas externas; e, só depois da "Questão Cristie" passamos a preocupar-nos com a recuperação da defesa militar do Rio de Janeiro. Logo após a arbitragem favorável ao Brasil, em 1863, pelo Rei Leopoldo I, da Bélgica, o povo e os estrangeiros aqui residentes se cotizaram para auxiliar o trabalho de remodelar as nossas fortificações. E, assim, foram encomendados armamento e navios de guerra na Europa.⁶

Diante dessas ameaças, foi estabelecido

um plano de defesa da barra pela Comissão de Melhoramentos do Material do Exército e a modernização de algumas fortalezas pela "Comissão de Melhoramentos da Cidade"⁷. Mais uma vez aparece nesses planos a necessidade de se construir um ponto defensivo em Copacabana, desta vez com casamatas e canhões potentes, a fim de proteger a barra da baía.

A 'Comissão Técnica Militar Consultiva', presidida pelo General Francisco Carlos Luz, em agosto de 1891, estudou a defesa da barra e vários projetos que lhe foram apresentados; e entre êles citamos o do Capitão de Fragata Miguel Ribeiro Lisboa, do Capitão Zalinski, (...) e do substitutivo do Ten Coronel Joaquim de Salles Tôres Homem, que não foram executados.

Zalinski propunha: "(...) uma linha primária, composta de obras perto de Copacabana e nas linhas de Catunduba e Pae (sic), como equivalente moderno da linha de São João, Laje e Santa Cruz;"⁸

Finalmente, o quarto episódio foi a Revolta da Armada, que, já no período republicano, colocou a então Capital Federal como refém, sob a mira dos canhões dos navios rebelados. Assim, as defesas precisavam ser modernizadas, com canhões mais potentes que pudessem resistir à evolução da arte da guerra naval.

A revolta da armada evidenciou o atraso em que se encontrava a defesa do pôrto

⁶ In PONDÉ, Francisco de Paula e Azevedo. *A Defesa Militar do Porto e da Cidade do Rio de Janeiro em Quatro Séculos*. Rio de Janeiro: S Ge Ex – Imprensa do Exército, 1957. p. 98.

⁷ Sobre o Plano de Defesa da Comissão de Melhoramentos ver PONDÉ, Francisco de Paula e Azevedo. *A Defesa Militar do Porto e da Cidade do Rio de Janeiro em Quatro Séculos*. Rio de Janeiro: S Ge Ex – Imprensa do Exército, 1957. ps. 98, 99 e 100.

⁸ *Ibidem*, p. 99.



do Rio de Janeiro e o estado de decadência de muitas das fortalezas. (...).

Elas não possuíam artilharia para atacar eficientemente ou (sic) encouraçados da esquadra revoltada e nem alcance para atingir os que não possuíam (sic) couraças, que, além disso, eram armados com artilharia mais moderna – canhões Armstrong à retrocarga.⁹

Foi principalmente devido a esta revolta que, no ano de 1895, foi criada a *Comissão de Fortificações e Defesa do Litoral do Brasil*, que logo elaborou o *Plano Major Lené*. Este oficial de engenharia era alemão e havia sido enviado pela *Casa Krupp* para ajudar a construir casamatas e cúpulas para os canhões comprados por Floriano Peixoto, que não desejava mais se sentir refém de sua Armada. Nele chamamos a atenção para a preocupação em fortificar pontos considerados estratégicos para a defesa da barra da baía, como nos mostra o General Pondé:

No plano de defesa constava ainda: fortificar com casamata a ponta da Igreja Nova – em Copacabana e colocar em poços a céu aberto baterias de Obuses no Pico, no Leme (Vigia) e no morro de Cantagalo, aproveitando a Laje e Imbuí.¹⁰

Esta Comissão foi substituída por outra, comandada pelo Tenente Coronel Muniz Freire, a qual, após longos estudos, apresentou, no início de 1898, o *Plano Geral de Defesa do Pôrto e da Cidade do Rio de Janeiro*.

Este plano, também conhecido por *Plano Muniz Freire*, dividia a defesa da barra em externa e interna, tendo a primeira quatro

objetivos, que eram: evitar a aproximação de uma esquadra inimiga; impedir o forçamento da barra por esta esquadra; proteger a passagem dos nossos navios pela barra, tanto na entrada, quanto na saída; e impedir qualquer desembarque de inimigo, que era complementado pela defesa interna.

Esta defesa externa seria disposta, pelo plano, em duas linhas, sendo a primeira constituída por fortificações localizadas nas pontas de Itaipu e Imbuí e no promontório de Copacabana. Mais uma vez encontramos, num plano anterior ao século XX, o desejo de estabelecer um ponto defensivo na região de Copacabana, a fim de impedir desembarques e proteger a barra da baía. Outra vez, porém, o plano não foi totalmente executado, tendo sua realização postergada para o século seguinte, uma vez que a Comissão foi dissolvida ainda em 1898.

Ao final do século XIX, portanto, nenhuma fortificação nova havia sido construída no sistema defensivo da Baía de Guanabara, sendo este constituído por fortalezas que haviam sido modernizadas: Fortaleza de São João; Fortaleza de Santa Cruz; Fortaleza de Laje; Forte do Pico; e Forte do Imbuí.

2.5 Século XX

O final do século XIX e o início do século XX foram marcados por grandes inovações bélicas. Para cada avanço tecnológico alcançado nos navios de guerra, cada vez mais encouraçados e com canhões com maior potência e alcance, a resposta era dada na arte de fortificar. Assim, as fortalezas desenhadas e construídas seguindo as técnicas preconizadas por Vauban e outros, foram, aos poucos dando lugar a fortificações do-

⁹ In PONDÉ, Francisco de Paula e Azevedo. *A Defesa Militar do Porto e da Cidade do Rio de Janeiro em Quatro Séculos*. Rio de Janeiro: S Ge Ex – Imprensa do Exército, 1957., p. 103.

¹⁰ *Ibidem*. p. 104.

tadas de obuseiros e canhões de longo alcance, dispostos em cúpulas de aço e casamatas, aos quais, aproveitando-se da disposição do terreno, ficavam praticamente ocultas às supostas esquadras inimigas, que porventura pudessem se aventurar próximas à cidade do Rio de Janeiro.

A proclamação da República assinalara o início de uma nova era para a defesa do porto e da cidade do Rio de Janeiro. As fortificações poligonais com ângulos reentrantes e salientes, frentes abaluartadas e canhoneiras trapezóides, de pedra e cal, cujos exemplares poluem em todo Brasil e especialmente no Rio de Janeiro, e ainda se encontram erguidos na entrada da barra, passaram a ser substituídas, nesta cidade, pelas fortalezas modernas de forma arredondada e cúpulas-couraçadas, mas em condições de resistir à artilharia raiada e retrocarga, que aparecera no início da segunda metade do século XIX, e revidá-la com bôcas de fogo idênticas, no mesmo pé de igualdade.¹¹

Apesar de se constituir num fenômeno mundial, a modernização das fortalezas que constituíam o sistema defensivo do porto e da cidade do Rio de Janeiro foi resultado direto das experiências decorrentes da Revolta da Armada, quando as fortificações demonstraram estar em desvantagem contra os navios da Marinha. Assim, novas fortalezas foram construídas, como o Forte de Copacabana, tendo a grande maioria recebido melhorias. Além disso, outros fatores contribuíram para a evolução das defesas da Baía de Guanabara, como a elaboração de projetos de Tasso Fragoso, o espírito reforma-

dor do Marechal Hermes da Fonseca e a influência dos alemães, representados pela Casa Krupp, que contribuíram com a sua experiência e tecnologia na arte de fabricar canhões e abrigá-los em casamatas.

Assim, no início do século XX, eram as seguintes as fortalezas do sistema defensivo do porto da Cidade do Rio de Janeiro, em atividade:

- a) Fortaleza de São João: recebeu, em 1901, duas "baterias mascaradas" com canhões Krupp L/12, L/14 e L/15 e Armstrong, de 150mm, por ordem do Ministro Mallet.
- b) Fortaleza de Santa Cruz: recebeu, em 1901, um canhão Bange T. A., de 178mm. Mais tarde, foi artilhada com 4 canhões Krupp, de 150mm e 2 canhões Bethlen de 178mm.
- c) Forte de São Luiz ou do Pico: denominado Forte do Rio Branco, em 1938, estava armado com dois obuses Krupp de 280 c/40.
- d) Forte do Imbuí: modernizado, em 1901, recebeu dois canhões de 280 c/40 e 2 canhões de 75 c/25 em cúpula couraçada.
- e) Fortaleza de Lage: recebeu, em 1903, uma torre couraçada de 2 canhões de 240 mm, uma torre com 2 canhões de 150mm e mais duas torres com canhões de 75mm. Recebeu melhorias ainda em 1906 e 1907.
- f) Forte de Copacabana: iniciado em 1908 e concluído em 1914, recebeu uma cúpula de aço com dois canhões de 305mm, uma cúpula com dois canhões de 190mm e duas cúpulas com canhões de 75mm. Todos os canhões foram fabricados pela Krupp.

¹¹ In PONDÉ, Francisco de Paula e Azevedo. A Defesa Militar do Porto e da Cidade do Rio de Janeiro em Quatro Séculos. Rio de Janeiro: SGeEx – Imprensa do Exército, 1957. p. 110 e 111.



g) Forte Duque de Caxias: antigo Forte do Vigia, foi iniciado em 1913 e concluído em 1919, tendo sido a última fortificação construída para o sistema defensivo do porto do Rio de Janeiro. Recebeu como armamento 4 obuses Krupp de 280mm, colocados em poços de concreto.

3 CONCLUSÃO

Percebemos, pois, que inicialmente as ameaças de ataques por navios inimigos dirigiam-se diretamente ao interior da Baía de Guanabara, local onde se encontrava a cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. Da preocupação com a defesa da região surgiu a própria cidade, fruto das tentativas de expulsar os franceses, em 1567.

Apesar do aumento dos pontos fortificados na barra da baía, a cidade foi atacada por duas vezes, em 1710 e em 1711. O primeiro ataque, de Du Clerc, forçou a entrada da Baía de Guanabara, mas foi repellido, o que levou o seu comandante a procurar pontos de desembarque para uma investida por terra para a cidade. A partir daí, verificamos a preocupação em criar redutos e posicionar baterias para repelir as investidas inimigas fora da baía.

Mas o principal evento que consideramos ser o responsável pela modernização do sistema defensivo do porto e da cidade do Rio de Janeiro foi sem dúvida a Revolta da Armada, pois demonstrou a dificuldade das antigas fortalezas de empregarem seus

canhões de maneira eficaz, o que permitiu que os revoltosos da Marinha de Guerra causassem danos a cidade, colocando o governo de Floriano Peixoto em situação delicada. Assim, fazia-se necessária a revisão de todos os pontos defensivos da baía e a criação de novas defesas em pontos estratégicos, como a "ponta da Igreja" em Copacabana, com canhões e obuseiros que pudessem responder a altura à moderna artilharia empregada nos navios de guerra.

REFERÊNCIAS

ALVES, J. V. ; PORTELLA F. *Seis Séculos de Artilharia*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército – Editora, 1959.

AZAMBUJA, Inácio Carneiro de. *Fortificações Permanentes*. Rio de Janeiro: Biblioteca Militar, 1940.

FROTA, Guilherme de Andréa. *Quinhentos Anos de História do Brasil*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 2000.

MAGALHÃES, J. B. *A Evolução Militar do Brasil*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 2001.

PARET, Peter. *Construtores da Estratégia Moderna*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 2001. Tomo I.

PONDÉ, Francisco de Paula e Azevedo. *A Defesa Militar do Porto e da Cidade do Rio de Janeiro em Quatro Séculos*. Rio de Janeiro: SGeX – Imprensa do Exército, 1957.

Revista do Forte de Copacabana. Rio de Janeiro: Forte de Copacabana, 1928, nº 1.

Revista do Forte de Copacabana – 25º Aniversário. Rio de Janeiro: Forte de Copacabana.